

Fil.

Professor: Larissa Rocha
Gui de Franco
Monitor: Debora Andrade



Este conteúdo pertence ao Descomplica. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

RESUMO

Hegel e o idealismo:

O pensador alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 - 1831) é considerado um dos principais filósofos de toda a história, estando inserido no se convencionou chamar de idealismo alemão. O idealismo filosófico defendido por Hegel surge inicialmente como crítica ao idealismo transcendental kantiano, principalmente por este ser, na visão de Hegel, excessivamente abstrato e por não captar o movimento de formação da consciência do indivíduo e dele na sociedade a que pertence. Os conceitos filosóficos ganham novos sentidos através da filosofia hegeliana, o que torna o seu texto um pouco árido para quem começa a ler suas obras. A noção de ser, por exemplo, passa a se referir a uma realidade que está sempre em processo, em transformação.

O conceito de dialética é um dos elementos fundamentais do pensamento hegeliano e diz respeito a um processo de compreensão da realidade como engendrando afirmação, a negação da afirmação (contradição) e a síntese dialética, isto é, a superação da contradição. Estas são as três etapas da dialética segundo Hegel, o que nos autoriza a classificar sua filosofia como uma filosofia do devir, ou seja, fundamentada na compreensão da realidade como movimento e perpétuo vir-a-ser. A fim de explicar o devir, Hegel parte da Ideia e não da matéria, o que o afasta, por exemplo, da concepção materialista de Marx, segundo a qual o processo de transformação das sociedades é explicado não pelas ideias, mas sim pelas condições materiais de produção dos bens necessários à vida. Na verdade, Marx adotou a dialética hegeliana, mas inverteu-a, colocando em primeiro plano a matéria, enquanto para Hegel o que move a história é a ideia.

A dialética hegeliana é uma dialética idealista. **Como diz o filósofo, “O real é racional e o racional é real”, ou seja, a própria realidade é entendida a partir do movimento das ideias.** A síntese de todo o percurso da consciência na história é o espírito absoluto. Espírito aqui é entendido como a atividade da consciência que se expressa em espírito subjetivo, espírito objetivo e espírito absoluto. O espírito subjetivo é aquele que está encerrado em sua subjetividade, como o ser de emoção e de imaginação. O espírito objetivo, por sua vez, se mostra como expressão da vontade coletiva, realizando-se naquilo que chamamos de cultura. Por fim, o espírito absoluto é a superação do espírito objetivo, quando é atingida a absoluta autoconsciência, que é o resultado de todo o percurso anterior da consciência na busca do autoconhecimento. A filosofia é a grande manifestação do espírito absoluto segundo Hegel, pois se trata do saber de todos os saberes, atingindo a absoluta autoconsciência após o espírito passar pela arte e pela religião.

Karl Marx:

Filosofia de caráter revolucionário

Diferente da grande maioria dos filósofos que o precederam, Marx não acreditava que o principal objetivo da filosofia era explicar a realidade, mas sim transformá-la. Por isso seu pensamento é chamado de **filosofia da práxis (“práxis”, em grego, significa “ação”)**. Grande pai teórico do comunismo, Marx acreditava que o objetivo supremo da autêntica filosofia é fornecer os conhecimentos necessários para a realização da revolução social.

“Até agora os filósofos se preocuparam em interpretar o mundo de maneiras diferentes. O que importa, porém, é transformá-lo” (11ª Tese contra Feuerbach)

Materialismo histórico

Tese central de toda a filosofia marxista, o materialismo histórico consiste na afirmação de que todos os elementos da vida de uma sociedade se reduzem, em última análise, às suas condições materiais. Em outras palavras, para Marx, toda sociedade humana se explica, no fim das contas, por sua estrutura econômica, pelo modo como é organizado seu sistema produtivo. Assim, todos os fenômenos sociais de uma dada civilização, como a arte, a política, a religião, a cultura, a medicina, o direito, o vestuário, etc., seriam tão somente reflexos, diretos ou indiretos, do modo de produção vigente em tal sociedade. Sendo o trabalho a atividade mais fundamental do homem, já que ligada à sua própria sobrevivência, também a

economia, que é a organização do trabalho em sociedade, seria a atividade mais básica do corpo social. Não à toa, Marx é tachado como um pensador economicista

“O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu de fio condutor aos meus estudos, pode resumir-se assim: na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência” (Prefácio para a Crítica da Economia Política)

Luta de classes

Convencido de que o elemento central para a explicação da sociedade é a economia, Marx se dispôs a passar um bom tempo estudando sistemas econômicos. Sua conclusão foi de que, ao longo da história, o trabalho e os frutos do trabalho nunca foram divididos de modo igualitário. Em outras palavras, desde a pré-história, todas as sociedades humanas sempre se estruturaram em termos de grupos econômicos diversos, de classes sociais distintas. Assim, aos membros das classes superiores sempre coube o bônus; às classes inferiores, o ônus; aos primeiros, o domínio; aos segundos, o serviço; a uns, o poder; a outros, a submissão.

“A história de toda sociedade existente até hoje tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, o opressor e o oprimido permaneceram em constante oposição um ao outro, levada a efeito numa guerra ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou, cada vez, ou pela reconstituição revolucionária de toda a sociedade ou pela destruição das classes em conflito. Desde as épocas mais remotas da história, encontramos, em praticamente toda parte, uma complexa divisão da sociedade em classes diferentes, uma gradação múltipla das condições sociais. Na Roma Antiga, temos os patrícios, os guerreiros, os plebeus, os escravos; na Idade Média, os senhores, os vassalos, os mestres, os companheiros, os aprendizes, os servos; e, em quase todas essas classes, outras camadas subordinadas. A sociedade moderna burguesa, surgida das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classes. Apenas estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das velhas. No entanto, a nossa época, a época da burguesia, possui uma característica: simplificou os antagonismos de classes. A sociedade global divide-se cada vez mais em dois campos hostis, em duas grandes classes que se defrontam – a burguesia e o proletariado” (Manifesto do Partido Comunista).

Como se sabe, para Marx, o elemento que propicia as transformações sociais, o motor da história é a luta de classes. No sistema econômico em que vivemos, no chamado capitalismo, tal luta se dá entre duas classes sociais opostas: a burguesia e o proletariado. De modo simples, podemos dizer que a grande diferença entre essas duas classes sociais é que, enquanto a burguesia possui os meios de produção (ou seja, todos os elementos não-humanos que são necessários para a produção, tais como o espaço físico, o fornecimento de energia elétrica, os materiais de trabalho, etc.), por sua vez, o proletariado possui unicamente sua força de trabalho, isto é, sua capacidade de exercer atividades produtivas, sejam mentais ou físicas. No capitalismo, o que há é uma relação de troca entre essas duas classes. Os trabalhadores, os proletários, precisando sobreviver, vendem aos burgueses uma parte da sua força de trabalho, em troca de uma quantia em dinheiro, denominada salário. Por seu turno, ao pagar salários, os burgueses põem suas empresas em funcionamento, de onde obtém rendimentos para si.

Trabalho e Mais-valia

Do ponto de vista de Marx, o modelo de trabalho assalariado é injusto e promove uma exploração, pois, segundo ele, na prática, quem realiza todo o trabalho são os proletários, quem produziu a riqueza foram os trabalhadores, mas eles nunca ficam com todo o lucro. Dentre a quantia de riqueza que uma empresa lucra, o burguês sempre tira uma quota de dinheiro para si. Esse valor a mais que o burguês toma do lucro é chamado por Marx de mais-valia. Do ponto de vista marxista, a mais-valia é sempre um roubo, pois o burguês está tomando algo que pertence aos trabalhadores. Vemos assim que as classes sociais no capitalismo são interdependentes, uma não vive sem a outra, mas ambas ocupam posições diferentes. Uma é exploradora, outra a explorada, uma é opressora e a outra oprimida.

Reificação

Explorado e roubado o operário sofre no capitalismo, segundo Marx, um processo de reificação (“coisificação”). Seu salário, aquilo com que irá sustentar a si e aos seus, passa a ser definido simplesmente

pela lei da oferta e da procura, tal como se ele mesmo fosse um produto qualquer. No mesmo sentido, o proletário vivencia no capitalismo uma experiência que Marx chama de alienação. Tal experiência consiste no fato de que o trabalhador perde qualquer identificação com seu próprio trabalho, passando a ver no trabalho não a grande atividade de que o homem é capaz e que o torna superior aos animais, mas apenas um meio de subsistência, do qual se tira um salário no fim do mês. Como, para Marx, o trabalho é a atividade humana mais importante, ao alienar-se do trabalho, o homem acaba por alienar-se a si mesmo.

Alienação

“O que constitui a alienação do trabalho? Primeiramente, ser o trabalho externo ao trabalhador, não fazer parte de sua natureza, e por conseguinte, ele não se realizar em seu trabalho mas negar a si mesmo, ter um sentimento de sofrimento em vez de bem-estar, não desenvolver livremente suas energias mentais e físicas mas ficar fisicamente exausto e mentalmente deprimido. O trabalhador, portanto, só se sente à vontade em seu tempo de folga, enquanto no trabalho se sente contrafeito. Seu trabalho não é voluntário, porém imposto, é trabalho forçado. Ele não é a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio para satisfazer outras necessidades. Seu caráter alienado é claramente atestado pelo fato, de logo que não haja compulsão física ou outra qualquer, ser evitado como uma praga. O trabalho exteriorizado, trabalho em que o homem se aliena a si mesmo, é um trabalho de sacrifício próprio, de mortificação. Por fim, o caráter exteriorizado do trabalho para o trabalhador é demonstrado por não ser o trabalho dele mesmo, mas trabalho para outrem, por no trabalho ele não se pertencer a si mesmo mas sim a outra pessoa.” (Manuscritos econômico-filosóficos)

Socialismo

O único meio de solução das contradições do capitalismo seria, de acordo com Marx, através de uma revolução proletária que, destruindo o sistema econômico vigente, acabasse com a propriedade privada dos meios de produção e fizesse das empresas uma propriedade comum, de onde todos seriam operários, mas de onde todos também seriam

EXERCÍCIOS

1. O filósofo alemão Hegel (1770-1831) afirma que **“É tarefa da filosofia conceber o que é, pois, aquilo que é a razão. No que concerne ao indivíduo, cada um é, de todo modo, um filho de seu tempo; do mesmo modo que a filosofia é seu tempo apreendido em pensamentos”**

(HEGEL, G. W. F. Excertos e parágrafos traduzidos. In: *Antologia de Textos Filosóficos*. MARÇAL, J. (org.). Curitiba: SEED-PR, 2009, p. 314).

A partir do trecho citado, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

- (01) A razão de algo é o conceito desse algo concebido filosoficamente pelo seu tempo.
(02) Aquilo *que é*, a essência de algo, é para o filósofo um conceito racional.
(04) O indivíduo, que é filho de seu tempo, do ponto de vista filosófico, pensa os seus problemas a partir de seu momento histórico.
(08) Os conceitos filosóficos, por serem determinados historicamente, estão restritos ao seu tempo e à sua época, não sendo, pois, universais.
(16) A reflexão filosófica está intimamente ligada ao seu momento histórico, visto que leva esse mundo ao plano do conceito.

SOMA: ()

2. **“Pode-se referir à consciência, à religião e tudo o que se quiser como distinção entre os homens e os animais; porém, esta distinção só começa quando os homens iniciam a produção dos seus meios de vida [...].**

A forma como os indivíduos manifestam a sua vida reflete muito exatamente o que são. O que são coincide portanto com a sua produção, isto é, com aquilo que produzem como com a forma como produzem.”

Marx, K. *Ideologia Alemã*, Lisboa: Editora Presença, 1980, p. 19.

Considerando que, segundo Marx, a maneira de ser do homem depende de alguns fatores, identifique, no conjunto de fatores listados abaixo, os que, na visão do citado filósofo, distinguem o ser humano:

- I. os respectivos modos de produção.
II. a própria produção de sua vida material.

- III. a forma de utilidade dos objetos produzidos em sociedade.
- IV. o estado de desenvolvimento de sua consciência depende de sua história de vida.
- V. a produção dos meios de subsistência tendo em vista o bem comum da sociedade.

Os fatores estão corretamente identificados em:

- a) I e II
- b) II e IV
- c) III e IV
- d) II e V
- e) I, III e V

3. O filósofo alemão Karl Marx (1818-1883) afirma que **“A totalidade das relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”**

(MARX, K. Prefácio. In: *Para a crítica da Economia Política*. SP: Abril Cultural, 1982, p. 23, *apud* FIGUEIREDO, V. *Filósofos na sala de aula*. volume 2. SP: Berlendis & Vertecchia Editores, 2008, p. 121-122)

A partir do trecho citado, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

- (01) A economia determina o que acontece nas outras partes da vida social — tudo tem que ser explicado pela economia.
- (02) Essa teoria marxiana é reducionista, pois tudo se reduz a um princípio explicativo único, o fundamento material.
- (04) Antes de serem elementos contraditórios, a superestrutura jurídico-política se articula com a estrutura econômica da sociedade.
- (08) A consciência humana não tem o mesmo poder que as relações de produção sobre a determinação do ser social dos homens.
- (16) Para a teoria marxiana, somente pode existir entre os homens relações de produção econômica, que são determinadas materialmente.

4. O botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta; do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso ser-aí da planta, pondo-se como sua verdade em lugar da flor: essas formas não só se distinguem, mas também se repelem como incompatíveis entre si [...].

HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 1988.

Com base em seus conhecimentos e na leitura do texto acima, assinale a alternativa correta segundo a filosofia de Hegel.

- a) A essência do real é a contradição sem interrupção ou o choque permanente dos contrários.
- b) As contradições são momentos da unidade orgânica, na qual, longe de se contradizerem, todos são igualmente necessários.
- c) O universo social é o dos conflitos e das guerras sem fim, não havendo, por isso, a possibilidade de uma vida ética.
- d) Hegel combateu a concepção cristã da história ao destituir-la de qualquer finalidade benevolente.

5. **“Marx e Hegel têm em comum a crítica à exacerbação do individualismo egoísta moderno, bem como das suas consequências, porém discordam quanto às possibilidades de solução da questão. Um dos elementos fundamentais desse debate é a questão da soberania política”**

(MARÇAL, Jairo (org.). *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED – PR, 2009, p.466.).

Sobre as relações entre indivíduo e Estado, assinale o que for correto.

- (01) Karl Marx considera que a emancipação humana realizar-se-á na sociedade comunista, pois, nessa sociedade, o indivíduo não será mais submetido a um Estado e à divisão social do trabalho, podendo, dessa forma, passar do reino da necessidade ao reino da liberdade.

- (02) Para Karl Marx, a liberdade do indivíduo, como concebida pelo Estado burguês, não passa de um formalismo jurídico; é uma ficção da lei, pois o indivíduo só pode ser livre quando a esfera da produção estiver sujeita ao controle daqueles que produzem.
- (04) Para G. W. Friedrich Hegel, o Estado deveria ser substituído pela sociedade civil, pois essa pode representar os interesses coletivos e é capaz de garantir os interesses de cada indivíduo.
- (08) G. W. Friedrich Hegel critica as teorias políticas contratualistas, segundo as quais os indivíduos isolados abandonam o estado de natureza para se reunirem em sociedade, por meio de um pacto, a fim de formar artificialmente o Estado e garantir a liberdade individual e a propriedade privada.
- (16) A filosofia política de Karl Marx fundamenta-se numa nova antropologia, segundo a qual a natureza humana varia historicamente, pois o indivíduo se produz à medida que transforma a natureza pelo trabalho dentro de certas relações sociais de produção.

SOMA: ()

6. **Observe o trecho da música “Admirável Gado Novo”, de Zé Ramalho, e perceba que sua análise pode nos levar a discutir o conceito de alienação.**

O povo foge da ignorância
Apesar de viver tão perto dela
E sonha com melhores tempos idos
Contemplam essa vida numa cela...
Espera nova possibilidade
De ver este mundo se acabar
A Arca de Noé, o dirigível
Não voam nem se pode flutuar

Seguindo o pensamento de Karl Marx, veremos que a alienação se dá em uma situação determinada que gera toda uma gama de desdobramentos e consequências. Tal situação ocorre na esfera

- religiosa, por meio das concepções escatológicas.
- científica, com a ampliação do conhecimento.
- política, por meio da organização partidária.
- cultural, com o avanço da cultura de massa.
- produtiva, a partir das relações de produção.

7. **“Na produção social de sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais.”**

IN: Karl Marx, *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 1977, p. 23. APUD: ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando – introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 4. ed., 2009.

A partir da análise desse fragmento de texto, é correto afirmar:

- A existência para Marx se reduz à transcendência.
- O pensamento marxista pode ser denominado de materialista mecanicista.
- As relações de produção para Marx determinam a produção social da existência.
- As forças produtivas materiais não têm importância para o pensamento marxista.
- O conceito de relações de produção, em Marx, está restrito às classes dominantes.

8. **Para Caio Prado Jr., a observação de Engels: “O núcleo que encerra as verdadeiras descobertas de Hegel... o método dialético na sua forma simples em que é a única forma justa do desenvolvimento do pensamento”, revela**

- a herança da dialética hegeliana assumida por Karl Marx.
- a filosofia de Marx com sua herança escolástica partilhada por Hegel.
- a perspectiva dialética do Homem, que permite considerá-lo capaz de conceituar termos científicos no aspecto ou feição do Universo.
- o tema central da filosofia, a saber, o desenvolvimento da dialética do ser humano, fator determinante do existencialismo contemporâneo.

9. Na obra *Introdução à História da Filosofia*, Hegel expressou o seguinte juízo:

“Na realidade, porém, tudo o que somos, somo-lo por obra da história; ou para falar com maior exatidão, do mesmo modo que na história do pensamento o passado é apenas uma parte, assim no

presente, o que possuímos de modo permanente está inseparavelmente ligado com o fato da nossa existência histórica. O patrimônio da razão autoconsciente que nos pertence não surgiu sem preparação, nem cresceu só do solo atual, mas é característica de tal patrimônio o ser herança e, mais **propriamente, resultado do trabalho de todas as gerações precedentes do gênero humano.**”

Hegel. *Introdução à História da Filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 1989. **Coleção “Os Pensadores”, p. 87.**

Responda:

a) qual é a meta, segundo Hegel, do processo histórico?

b) aponte a diferença fundamental entre a concepção de história de Hegel e a de Marx.

10. Considere o fragmento abaixo.

“O Estado é a ideia moral exteriorizada na vontade humana e liberdade desta. Por isso, a alteração da história pertence essencialmente a ele, e os momentos da ideia nele se apresentam como *princípios diferenciados.*”

HEGEL, G.W.F. *Filosofia da História*. Trad. de Maria Rodrigues e Hans Harden. 2.ed. Brasília: Editora da UnB, 1998. p. 45.

A constatação de Hegel foi feita no início do século XIX e retrata a nova constituição do Estado que deixou de ser a encarnação do poder divino na figura do soberano, ou ainda, o despotismo monárquico. Com base na citação acima, explique o Estado moderno como processo histórico.

QUESTÃO CONTEXTO



O filósofo e sociólogo Karl Marx defendia que para compreendermos a sociedade deveríamos entender primeiro como elas foram se desenvolvendo através da produção material coletiva dos seres humanos em busca de satisfazer suas necessidades básicas. Essa estratégia de análise é denominada por Marx de

- a) Idealismo histórico.
- b) Funcionalismo.
- c) Estruturalismo
- d) Materialismo histórico.

GABARITO

Exercícios

1. $01 + 02 + 04 + 16 = 23$.

A estrutura da lógica hegeliana é triádica, esta estrutura reflete a organização de um sistema filosófico mais amplo e da lógica sobre sua variedade de motivos internos e externos. A divisão da lógica é a seguinte: 1) doutrina do ser, 2) doutrina da essência e 3) doutrina do conceito. Na doutrina do ser, Hegel explica o conceito de "ser-por-si" como uma auto-relação que resolve a oposição entre o próprio e o outro na "idealidade do finito". Na doutrina da essência, Hegel explica as categorias de ato e liberdade. Ele diz que ato é a unidade de "essência e existência" e argumenta que isso não descarta a atualidade de ideias que se tornam atualizadas realizando-se na existência externa. E define a liberdade como a "verdade da necessidade", ou seja, a liberdade pressupõe a necessidade no sentido de que a própria ação e a reação providenciam uma estrutura da ação livre. Na doutrina do conceito trabalha-se o conceito em função da subjetividade, da objetividade e da articulação entre subjetividade e objetividade. O conceito subjetivo contém três funcionalidades: universalidade, particularidade e individualidade. Essas três funções operam de acordo com um movimento "dialético" progressivo do primeiro para o terceiro e na totalidade expressam o conceito de individualidade. As funções relacionam logicamente os juízos, porém não dizem respeito apenas às operações mentais, mas também explicam as próprias relações reais.

2. a

A obra *A Ideologia alemã*, escrita conjuntamente por Marx e Engels, é uma crítica ao pensamento produzido por aqueles que costumam ser chamados de "jovens hegelianos" (Feuerbach, Bauer, Stirner). Na obra, a intenção é apontar para a importância da materialidade na constituição da realidade e principalmente superar a ideia hegeliana de que é o espírito, e não a atividade humana, o sujeito da história.

3. $01 + 02 + 04 + 08 = 15$.

Karl Marx (1818-1883) é geralmente conhecido como o teórico que influenciou as revoluções e a constituição de inúmeros regimes políticos comunistas, porém as coisas não são tão simples. Evidentemente, Marx é o teórico do comunismo, porém o seu pensamento não pode ser reduzido aos resultados alcançados por parte da tradição que dele surgiu. Sua formação é filosófica e com o passar do tempo Marx foi profundamente influenciado por questões políticas e econômicas. Dessa mistura surge, por exemplo, sua teoria da história na qual se desenvolve a concepção de que as formas da sociedade se materializam e se decompõem de acordo com o desenvolvimento das forças produtivas e o conflito presente em uma sociedade dividida em classes – para Marx essa concepção é uma superação da teoria da história hegeliana na qual havia uma centralidade na *fenomenologia do espírito*, e como o **próprio Marx diz no prefácio d'O Capital: "o meu método dialético não só difere, pela sua base, do método hegeliano, mas é exatamente o seu oposto. Para Hegel, o movimento do pensamento, que ele personifica com o nome de Ideia, é o demiurgo da realidade, que não é senão a forma fenomenal da Ideia. Para mim, pelo contrário, o movimento do pensamento é apenas o reflexo do movimento real, transposto e traduzido no cérebro do homem"**.

4. b

A estrutura da lógica hegeliana é triádica, que reflete a organização de um sistema filosófico mais amplo e da lógica sobre sua variedade de motivos internos e externos. A divisão da lógica é esta: 1) a doutrina do ser, 2) a doutrina da essência e 3) a doutrina da noção (ou do conceito). Na doutrina do ser, por exemplo, Hegel explica o conceito de "ser-por-si" como uma autorrelação que resolve a oposição entre o próprio e o outro na "idealidade do finito". Na doutrina da essência, Hegel explica as categorias de ato e liberdade. Ele diz que ato é a unidade de "essência e existência" e argumenta que isso não descarta a atualidade de ideias que se tornam atualizadas, realizando-se na existência externa. Também define a liberdade como a "verdade da necessidade", ou seja, a liberdade pressupõe a necessidade no sentido de que a própria ação e a reação providenciam uma estrutura da ação livre. Na doutrina do conceito trabalha-se o conceito em função da subjetividade, da objetividade e da articulação entre subjetividade e objetividade. O conceito subjetivo contém três funcionalidades: universalidade, particularidade e individualidade. Essas três funções operam de acordo com um movimento "dialético" progressivo do

primeiro para o terceiro e na totalidade expressam o conceito de individualidade. As funções relacionam logicamente os juízos, porém não dizem respeito apenas às operações mentais, mas também explicam as próprias relações reais.

5. $01 + 02 + 08 + 16 = 27$.

Sobre as teorias políticas de Marx e Hegel, todas as afirmativas estão corretas, com exceção da [04]. Marx é um materialista, que considera o Estado como expressão da dominação burguesa sobre a sociedade. Hegel, inversamente, considera que no Estado é que se manifesta historicamente a liberdade. Segundo ele, o Estado é um todo que representa a unidade, sendo, por isso, maior que a sociedade civil.

6. e

Ainda que cause efeitos em todas as esferas da vida social, a alienação é produto das relações de produção que ocorrem ao interno do sistema capitalista. Sua origem se dá na medida em que o trabalhador produz uma mercadoria, mas que lhe é destituída, passando para as mãos do burguês. Assim, o trabalhador não pode se satisfazer enquanto ser humano e se torna um indivíduo alienado.

7. c

Somente a alternativa [C] é correta. O método marxista, também chamado de materialismo dialético, está preocupado com a produção material da existência humana, na qual as relações que importam são relações de imanência (e não de transcendência). É com tais pressupostos que Marx faz uma análise do capitalismo a partir do desenvolvimento das suas forças produtivas em um processo histórico de luta de classes.

8. a

O enunciado da questão pressupõe que o aluno perceba que a citação faz referência a Karl Marx. Tendo isso em conta, a citação leva a crer que Engels enfatiza a herança hegeliana assumida por Marx. Sendo assim, somente a alternativa [A] está correta.

9. a) O processo histórico caminha, segundo Hegel, guiado pela Razão para o pleno conhecimento do Espírito. Esse pleno conhecimento do Espírito corresponde à liberdade.

b) A diferença fundamental entre a concepção hegeliana e a marxista é o seu pressuposto. Hegel é um idealista, enquanto que Marx é um materialista. O hegelianismo pensa o processo histórico como um processo de desenvolvimento da Razão. É dela que se extraem as relações materiais. Já o marxismo pensa de maneira inversa. Segundo Marx, a história é um processo de produção da vida material e as ideias lhe são posteriores, são o resultado das relações materiais de existência.

10. A concepção de Estado hegeliana está relacionada à sua teoria da história. Para Hegel, a história corresponde ao desenvolvimento do Absoluto, que culmina na constituição do Estado moderno. Nesse sentido, o Estado encerra em si as características da própria razão, sendo o todo ético que permite a plena liberdade humana.

Questão Contexto

d